

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE ORGANIZAÇÃO
PÚBLICA EM SAÚDE**

Ticiane Lúcia dos Santos

**USO DE DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS:
COMPREENDENDO AS MÚLTIPLAS CONSTITUIÇÕES DE
CONSUMO**

**Três de Maio, RS
2015**

Ticiane Lúcia dos Santos

**USO DE DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS: COMPREENDENDO AS
MÚLTIPLAS CONSTITUIÇÕES DE CONSUMO**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado a Pós- Graduação de Gestão de Organização Pública em Saúde (EAD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Gestão de Organização Pública em Saúde.**

Aprovado em 25 de novembro de 2015:

Ricardo Vianna Martins, DR. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Leila Mariza Hildebrandt Dra. (UFSM)

Susane Flores Consentino, Dra. (UFSM)

**Três de Maio, RS
2015**

USO DE DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS: COMPREENDENDO AS MÚLTIPLAS CONSTITUIÇÕES DE CONSUMO

DRUG USE AMONG STUDENTS : UNDERSTANDING THE MULTIPLE CONSUMER CONSTITUTIONS

Ticiane Lúcia dos Santos¹, Ricardo Vianna Martins²

RESUMO

Objetivo: Analisar o uso não problemático de drogas ilícitas entre estudantes universitários em uma universidade no sul do país. **Método:** Foi utilizado o método *snowball* para a seleção de participantes da pesquisa. Para a coleta de dados foi realizada entrevistas semi-estruturadas com três universitários, sendo estas posteriormente transcritas e analisadas em seu conteúdo. **Resultados:** Os universitários caracterizam o consumo de substâncias psicoativas como não problemático, por julgarem ter condições de controle do uso, assim como a não interferência do consumo nos âmbitos de saúde, social e legal. **Conclusão:** É necessário continuar com a investigação sobre a multiplicidade de consumo de drogas, lícitas e ilícitas, a fim de aprofundar o conhecimento sobre o assunto, quebrando estigmas sobre os usuários e auxiliando na construção de Políticas Públicas que beneficiem o estabelecimento de saúde e autonomia dos sujeitos.

Descritores: Universidade, Saúde Mental, Álcool e Drogas, Uso não problemático.

ABSTRACT

Objective: To analyze the unproblematic use of illicit drugs among college students at a university in the South. **Method:** We used the snowball method for the selection of research participants. For data collection was conducted semi-structured interviews with three students, which are later transcribed and analyzed its contents. **Results:** The university characterize the consumption of psychoactive substances as unproblematic, a judge take control conditions of use as well as non-interference in consumption in the areas of health, social and legal. **Conclusion:** It is necessary to continue research into the multiplicity of drug consumption, legal and illegal, in order to deepen knowledge on the subject, breaking stigmas about users and helping to build public policies that benefit the establishment of health and autonomy of subjects.

¹ Psicóloga, autora; pós-graduanda do Curso de Gestão de Organização Pública em Saúde - UAB/UFSM.

² Psicólogo, orientador; Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Keywords: University, Mental Health, Alcohol and Drugs, Use unproblematic.

INTRODUÇÃO

Estudos relacionados ao consumo de drogas no Brasil tem demonstrado um significativo aumento no uso dessas substâncias (LARANJEIRA, 2014). Sejam essas substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas, é necessário compreender seus impactos pessoais, sociais e legais, ampliando a visão sobre o fenômeno e contribuindo para a construção de Políticas Públicas que estabeleçam o compromisso ético e o cuidado do sujeito.

Entre os grupos sociais considerados vulneráveis para o consumo de drogas, encontra-se o formado pelos universitários. É alto o número de universitários que já utilizaram algum tipo de substância psicoativa lícita ou ilícita, sendo esse comportamento mais frequente nesse grupo, do que na população em geral. Os fatores de risco que propiciam o uso de drogas podem fazer parte do desenvolvimento psicossocial do sujeito e condições do próprio meio em que vive (BRASIL, 2010).

Estudos com universitários, frequentemente enfocam o uso problemático pelos estudantes (SILVA et al, 2006; NÓBREGA et al., 2012; PORTUGAL, CERUTTI JUNOR, SIQUEIRA, 2014; MACHADO, MOURA, ALMEIDA, 2015). Porém, é necessário apontar que para além dessa configuração, existem outras formas de uso que, melhor compreendidas, podem assinalar novas práticas e estratégias que auxiliem os usuários em busca de um uso que não represente problemas para o sujeito.

Devido a isso, buscou-se a partir da revisão bibliográfica, compreender quais são os paradigmas que servem de base para a pesquisa em relação as drogas. Na busca por estudos sobre o uso de substâncias psicoativas (drogas) sejam estas lícitas ou ilícitas, encontram-se produções científicas que mostram o tensionamento existente entre duas lógicas predominantes nos dias atuais: a lógica/paradigma da abstinência e a lógica/paradigma da produção de saúde, concretizada pela abordagem da Redução de Danos (RD).

Essa tensão existente revela o quanto ainda é necessário aprofundar as investigações a cerca das formas de uso, reconhecendo que, nem todo consumo de drogas deve ser considerado problemático. E assim, considerar que não existe

apenas uma 'cura', a abstinência, e sim, múltiplas formas de tornar o uso menos problemático e controlável pelo usuário, respeitando sua singularidade e autonomia.

Esse estudo baseia-se nos trabalhos realizados em Portugal (CRUZ, 2010; CRUZ, MACHADO, FERNANDES 2011), os quais buscaram iniciar a construção de teoria que explique o que é ser usuário não problemático de drogas, a partir da vivência e conhecimento dos próprios sujeitos envolvidos no consumo. O uso não problemático é caracterizado como aquele no qual o consumo de substâncias lícitas ou ilícitas não interfere na vida do sujeito em seus âmbitos médico, legal e social (CRUZ, 2010).

Neste estudo, objetivou-se compreender como são utilizadas as substâncias psicoativas e quais estratégias de autocuidado são adotadas pelos universitários. A partir deste estudo, pretende-se discutir o uso não problemático de substâncias psicoativas e potencializar o debate sobre a construção de Políticas Públicas que possam contribuir para o cuidado ao sujeito, em suas dimensões ética, política, social.

METODOLOGIA

Esse artigo é resultado de um projeto integrado que objetiva compreender o uso de drogas ilícitas por universitários, em específico, o uso caracterizado como não problemático. É um estudo de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Para a realização da coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com perguntas orientadas a esclarecer os fatores que envolvem a temática.

Com o intuito de alcançar a população jovem adulta que faz parte do meio universitário e faz uso de substâncias psicoativas, foi utilizado o método *snowball* que se caracteriza como uma metodologia de seleção de amostra intencional, na qual os próprios participantes da pesquisa fizeram contatos com outros usuários e os convidaram a participar desta. Assim, através dessa metodologia garante-se que populações usualmente não alcançadas por outros métodos de pesquisa, possam participar do estudo, ampliando a compreensão da temática investigada (DEWES, 2013).

O objetivo da pesquisa foi comunicado aos participantes, sendo que os mesmos somente fizeram parte desta, após concordarem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Participaram inicialmente desse estudo,

três acadêmicos de uma universidade localizada no sul do país. Cada entrevista teve, meia hora de duração em média. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A análise utilizada para a pesquisa foi a de conteúdo, análise proposta por Bardin (1988) que objetivou desmembrar em categorias as narrativas dos sujeitos entrevistados a fim de realizar a conexão entre as unidades distinguidas e o assunto proposto.

Os critérios de inclusão para a seleção de participantes foram: ser maior de dezoito anos, estar vinculado à universidade e ser usuário de algum tipo de substância psicoativa atualmente. Como critérios de exclusão consideram-se ser menor de dezoito anos, não estar frequentando algum curso da universidade e não utilizar algum tipo de substância psicoativa no momento da pesquisa.

RESULTADOS PRELIMINARES

Apesar de ser tema de diversos estudos, a temática sobre o uso de drogas carrega estigmas que, muitas vezes, dificultam e até impossibilitam um aprofundamento sobre o processo que se constitui o uso de substâncias psicoativas. Por isso, e também sem excluir outros fatores, compreende-se que a dificuldade de alcançar nessa primeira etapa, um número maior de participantes, possa ser explicada pelo receio de exposição, seja para os pesquisadores, seja para seus pares.

Nesse primeiro momento da pesquisa sobre o uso não problemático entre universitários, três acadêmicos concordaram em participar do estudo. A partir da análise dos dados coletados nas entrevistas semi-estruturadas, foi possível iniciar um delineamento para compreender a multiplicidade de usos, assim como os considerados não problemáticos.

Dos três participantes um era do sexo feminino e dois do sexo masculino. A idade variava entre 20 e 25 anos. Além do estudo, dois acadêmicos ocupam-se com atividades laborais. O uso de drogas lícitas relatadas foram: álcool, medicamentos psicotrópicos e cigarro. O uso de drogas ilícitas relatado foi de Maconha (3), Crack (1), Cocaína (1), Ayahuasca (1), Ecstasy (1), LSD (1).

A fim de esclarecer melhor os relatos dos participantes, será feito um breve relato das informações coletadas em suas entrevistas.

Relato das entrevistas

Participante 1

O primeiro entrevistado era um jovem de 23 anos, do sexo masculino, universitário, trabalhador. Ele utiliza substâncias psicoativas desde os treze anos. Sua primeira experiência foi com colegas da escola, motivado pela experimentação. Ao longo desses anos, teve contato com outras drogas: disse ter usado cocaína, Ayahuasca, LSD e Ecstasy, persistindo até os dias atuais, somente o consumo de maconha.

Ao ser questionado sobre o uso das demais drogas, relatou que devido a questão de liberdade de uso e de proteção, acaba não as usando como faz com a maconha. Suas experiências ocorreram em grupos, ligados a rituais (Ayahuasca), festas (cocaína) entre outros.

O jovem relata que o uso não é frequente. Depende das situações, disponibilidade e motivação. Ao ser questionado sobre porquê do uso, disse que a maconha o ajuda a relaxar e a expandir suas ideias.

Em relação a problemas de saúde, sociais e legais, critérios utilizados para a definição de uso problemático, afirmou não ter nenhuma experiência nesse sentido, relatando somente uma vivência na qual testemunhou a prisão de um traficante, e acabou sendo testemunha, porém considerou que não foi de nenhuma forma prejudicado por essa situação.

Ele se considera um usuário não problemático por não afetar as outras pessoas com o consumo de drogas, assim como não se prejudica, pois mantém sua rotina e atividades, no seu papel social e na família, tendo uma vida tranquila.

Afirmou também que não se preocupa em se tornar um usuário problemático, pois observa o comportamento de outros usuários que usam a maconha durante todo o dia, e, para ele, não é necessário, pois o 'estado' a ser alcançado, não é alterado se houver o aumento do consumo da substância.

Participante 2

B. está com 25 anos, é do sexo masculino e, atualmente, é universitário. Relata que o primeiro uso ocorreu aos quinze anos e as substâncias utilizadas foram o álcool e o cigarro. A circunstância de uso foi durante uma festa. Após, o aluno afirmou que passou experimentar outras drogas, nesse caso ilícitas, sendo elas maconha, cocaína, crack. Em relação ao crack e a cocaína, usou pouco devido a questões como o tempo e 'função', ou seja, o envolvimento que havia para o consumo destas.

Portanto, quando foi realizada a entrevista, ele estava apenas consumindo a maconha. Identifica como motivação para o uso da droga, o escape que ela proporciona. Usa diariamente, porém, caso não seja possível adquirir a droga, consegue ficar sem consumi-la, não havendo interferência na sua rotina. Prefere usar com outras pessoas, pois surgem efeitos negativos (as *bad*s, sensações, pensamentos, emoções negativas) quando usa sozinho.

Ao ser questionado sobre problemas médicos, sociais ou legais em relação ao consumo de drogas, o universitário afirmou que houve apenas uma situação recente que se enquadraria nesse critério de determinação do uso problemático. O aluno foi internado voluntariamente por trinta dias em uma instituição, pois queria ficar 'limpo' (sem usar). Porém, a experiência mostrou como é difícil o retorno para o convívio em sociedade, pois, no dia a dia, não dá para evitar as situações que possivelmente levariam a um uso de substâncias psicoativas.

O jovem identifica-se como um usuário não problemático, pois não atrapalha as outras pessoas com o seu uso. Já, com relação aos efeitos pessoais, afirma que seus estudos podem ser prejudicados pelo uso e que as pessoas tem preconceito com o usuário. Mas, para ele, é importante que haja essa desconstrução sobre o usuário, visto muitas vezes como um 'lobo mau'.

Há a preocupação em haver um uso problemático de drogas, com as outras substâncias que não seja a maconha. Ele afirma que a maconha exige menos recursos financeiros para manter o uso, e, pelo que foi relatado acerca de suas concepções sobre essa droga, parece possuir mais controle sobre o uso desta.

Participante 3

O terceiro participante da pesquisa é do sexo feminino, tem 21 anos. O primeiro contato com drogas foi em casa, na companhia de sua família. Aos dez

anos, era comum que durante os almoços em família fosse oferecido vinho misturado com açúcar para as crianças. Após essa experiência, a aluna vivenciou sua primeira experiência com maconha aos dezesseis anos.

Inicialmente o uso da maconha não agradou a aluna. Porém, devido a problemas de sono, após a tentativa de uso de uma substância psicoativa de uso controlado (antidepressivo), resolveu consumir maconha novamente e testar seus efeitos. Voltou a fumar a droga então, com dezenove anos, e a partir daí, usa como meio para conseguir tratar a sua insônia.

Além do álcool e da maconha, a aluna afirma que nunca experimentou voluntariamente outras drogas. Apenas em uma situação, fumou maconha misturada com cocaína, porém o fez sem ter conhecimento no momento, pois as pessoas que compartilharam a droga não a informaram sobre a mistura.

A acadêmica relatou que usa frequentemente a maconha, dependendo da disponibilidade: de recursos, em relação ao dinheiro e se há alguém que possa comprar para ela; tempo, devido aos compromissos com faculdade e trabalho; grupal, pois prefere usar com amigos e colegas.

Observa-se ação semelhante a dos outros participantes da pesquisa, pois citam que a situação é que indicará o uso ou não da droga, e não uma vontade exacerbada em consumi-la.

Ela identifica-se como usuária não problemática de drogas, porque não considera o uso da maconha como demasiado para ela. Além disso, identifica como estratégias de cuidado não problemático, o uso com amigos, evitar comportamentos de risco causados pelo uso da maconha, sustentar apenas o uso de drogas que consiga manter, não repetir experiências negativas como teve com o uso do crack misturado à maconha.

É importante destacar que para ela, o uso da droga é social, pois a aproxima de seus amigos. Deseja experimentar outras substâncias psicoativas (ecstasy), e deixa claro que o seu uso é baseado na experiência compartilhada e nas suas próprias escolhas, conforme os fins de que necessita.

Todos os estudantes relataram que os familiares sabem sobre o uso, porém a reação diante do mesmo é variável: um relatou que a família prefere negar a

situação, outro afirmou que a sua família não aceita o uso de substâncias pelo acadêmico e a terceira família sabe sobre o uso, mas não interfere.

É interessante destacar que, apesar da preocupação de pais e familiares com um possível abuso das substâncias - medo da estigmatização e dependência - houve relatos de comportamentos por parte desses de naturalização do uso de drogas consideradas lícitas como o álcool.

Os três jovens consideram que são usuários não problemáticos e não se preocupam em tornarem-se problemáticos nessa fase de suas vidas. Quando questionados, relataram que conhecem os efeitos do uso e alterações de aumento de consumo, o que poderá afetar negativamente outras áreas de suas vidas, como por exemplo, o estudo.

O início do uso de substâncias psicoativas ocorreu no período da adolescência a partir do compartilhamento com colegas e amigos. Ressalta-se que em dois casos, o uso de drogas iniciou com substâncias lícitas, como o álcool e o cigarro, passando posteriormente à experimentação de substâncias ilícitas.

Em resumo, as estratégias descritas pelos universitários para o autocuidado em relação ao uso de drogas foram: evitar a compra direta com o traficante, buscando maneiras alternativas como o auxílio de colegas para adquirir as drogas; a internação voluntária motivada pela preocupação em ficar 'limpo', o uso em grupo, como medida protetiva, evitando efeitos negativos (como as *bads*), e tendo o apoio de outros através de troca de experiências; uso que varia conforme a disponibilidade não somente da droga, mas também, e principalmente, dos compromissos e demais atividades individuais e sociais.

A seguir, encontra-se um quadro com as principais informações coletadas nas entrevistas:

Quadro 1: Respostas dos universitários em relação ao consumo de drogas

Participantes	Participante 1	Participante 2	Participante 3
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino
Primeira droga ilícita a ser utilizada:	Maconha	Maconha.	Maconha
Usou outras drogas ilícitas? Quais?	Sim. Cocaína, Ayahuasca, LSD e Ecstasy	Sim. Cocaína e Crack.	Sim. Maconha misturada com cocaína.
Usou droga lícita? Se sim, qual?	Sim. Álcool.	Sim. Álcool.	Sim. Álcool, cigarro, psiotrópico.
Motivação para uso:	Terapêutico e	Recreativo.	Terapêutico e

	Recreativo		Recreativo
Frequência de uso:	Depende da disponibilidade.	Depende de disponibilidade.	Depende da disponibilidade.
Envolvimento familiar:	Família sabe do uso. Irmão também é usuário.	Família sabe do uso, porém não aceita.	Família aparenta desconhecer o uso.
Se considera usuário não problemático? Porquê?	Sim. O uso não afeta a si e as outras pessoas. Mantém os vínculos e compromissos sociais.	Sim. Não prejudica as outras pessoas. Acha-se prejudicado parcialmente devido a influência nos estudos.	Sim. Porque possui controle sobre o uso, escolhendo o que usar, quando, quanto gasto, com quem.
Já teve problemas de ordem legal, social ou médica devido ao uso de drogas? Quais?	Sim, Testemunhou a prisão de um traficante quando foi adquirir drogas.	Sim. Internou-se voluntariamente devido ao uso de drogas.	Não. Usa com fim terapêutico, evita correr riscos com o uso, sempre usa com pessoas de confiança.
Adota medidas de autocuidado? Quais?	Sim. Controla o uso de drogas usando apenas uma substância. Usa em conjunto, devido aos possíveis efeitos negativos de um uso solitário.	Sim. Usar apenas uma droga e intervir quando sentir necessidade de parar o uso de alguma outra substância. Trabalhar para a desconstrução das representações negativas que envolvem os usuários de drogas.	Sim. Usa com amigos, controla gastos financeiros, experimenta apenas drogas que tem curiosidade em usar, aprende com experiências negativas a ter maior controle sobre efeitos.

Fontes: Participantes

DISCUSSÃO

Ao discutir o impacto de uso de drogas pelos sujeitos, é comum observar um distanciamento em relação ao usuário, e conseqüente aproximação do objeto 'droga'. Percebe-se esse movimento através de expressões como 'combate às drogas', 'guerra às drogas', ou termos como 'abstinência', entre outros, que direta ou indiretamente colocam essas substâncias como foco de um problema mundial.

Ao enfatizar a droga, deixa-se de analisar a singularidade do uso de cada um dos sujeitos envolvidos. Ou seja, há a exclusão de análise da multiplicidade de formas de consumos dessas substâncias psicoativas. Há usuários esporádicos, que utilizam em situações sociais específicas. Há ainda aqueles que preferem usar sozinhos. Alguns aderiram ao policonsumo (mais de uma droga concomitantemente) enquanto outros preferem usar apenas uma, ou mais, mas em momentos diferentes.

Entretanto, o desconhecimento sobre os múltiplos tipos de uso, assim como de suas motivações e das singularidades dos sujeitos que consomem drogas, fazem muitos profissionais e pessoas da sociedade pensarem que todo uso é problemático. Assim, surgem alguns questionamentos: *É possível um uso não problemático de drogas? É possível um uso responsável pelo sujeito?*

A partir das entrevistas realizadas com os universitários, observa-se que há diferentes motivações para o uso de drogas. Desde a primeira experiência, até a escolha das drogas utilizadas no momento atual, cada um dos participantes apresenta uma relação diferente com as substâncias psicoativas. Consideram que sua relação com a substância psicoativa caracteriza-se como não problemática, por não afetar negativamente a si mesmos, assim como sua relação com os outros e o ambiente em que vivem.

De acordo com Cruz, Machado e Fernandes (2010), o uso não problemático de drogas é aquele proveniente de uma autogestão dos usuários, no qual o consumo de substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas não trazem danos à saúde, ao convívio social e em questões legais para os sujeitos.

Cabe destacar, que um dos entrevistados afirmou ter passado por uma internação com duração de trinta dias o que pode evidenciar certa contradição, já que para os critérios de uso não problemático, no âmbito da saúde, a internação evidenciaria um problema de descontrole no consumo da droga. Porém, como o mesmo afirmou, a internação serviu como meio preventivo, e para atingir um fim que ele próprio designou (ficar limpo) demonstrando o processo decisório e autônomo do sujeito em escolher o caminho a ser traçado em seu cuidado com a saúde.

O uso de drogas entre universitários tem sido enfoque de estudos a fim de traçar o perfil do usuário, analisando os fatores de risco associados ao consumo de drogas. Esse conhecimento traz maiores informações para o desenvolvimento de programas de prevenção ao uso, assim como incentiva aos próprios sujeitos envolvidos no ambiente educacional a criar ações que auxiliem os estudantes a decidir sobre o uso de drogas. Muitos desses estudos envolvem profissionais das áreas de saúde e educação, que lidarão diretamente com as questões envolvendo o uso de drogas no exercício profissional (SANTOS, PEREIRA, SIQUEIRA, 2013; PORTUGAL, CERUTTI JUNIOR, SIQUEIRA, 2014; MACHADO, MOURA, ALMEIDA, 2015).

Entretanto, para além de um perfil, é necessário conhecer como a subjetividade interfere na relação com a droga, no autocuidado, assim como na elaboração de estratégias de controle que caracterizam um uso não problemático.

Não se pode associar automaticamente o uso das substâncias com possíveis falhas futuras desses acadêmicos. Além de existir outros fatores que possam influenciar na qualidade do exercício profissional, não é todo e qualquer uso de drogas lícitas ou ilícitas que prejudica o sujeito e sua responsabilidade e ética profissionais. Assim, é preciso compreender em que contextos surge o uso de drogas, quais suas motivações e como há o manejo desse consumo, de maneira que não haja pré-julgamentos que estigmatizem os usuários em suas funções sociais.

De acordo com Hart (2014, p.206) neurocientista norte-americano que estuda o efeito do uso de drogas, baseado em sua experiência com essas substâncias psicoativas

Eu vivera a experiência da maioria dos usuários de drogas, essa história nem tão interessante assim de ausência de vício que nunca é contada. Eu estava no grupo de 80% a 90% de usuários de cocaína que não desenvolvem problemas com a droga, aquele grupo que jamais se manifesta sobre suas experiências por não ter muito a dizer ou por temer ser aviltado por consumir uma substância ilegal.

E mais, "como a tendência é prestar atenção naqueles problemáticos 10 a 20%, a experiência deles é indevidamente considerada a norma" (HART, 2014, p. 206).

Os entrevistados mostram que apesar de terem experiências com outras drogas, optaram por usar a maconha rotineiramente, motivados por benefícios a sua saúde física e mental. O uso com fim terapêutico é relatado por uma das participantes, a qual sofria com insônia, havendo a tentativa de tratamento anterior com psicotrópico. Porém os efeitos colaterais a fizeram desistir de dar continuidade ao uso, passando assim, a experimentar o efeito da maconha em seu organismo. Já outro participante afirma que o uso serve para relaxamento e despertar de criatividade, fins que se pode considerar recreativo ou terapêutico, pois o auxiliam no dia a dia.

Os participantes relataram que o uso de maconha não interfere no comparecimento as aulas, no trabalho e demais compromissos sociais. Além disso,

conforme o contexto e disposição, escolhem usar mais ou menos no dia a dia. Por isso, ao serem questionados sobre a frequência, não conseguiram estabelecer uma rotina de uso, o que demonstra que existem múltiplos fatores que podem interferir no consumo no dia.

Esse fato corrobora o que Cruz (2011) apresenta em seu estudo sobre o uso não problemático, no qual foram identificados fatores que determinam a escolha do sujeito por um uso mais saudável. São esses: o controle da regularidade do uso, os locais que os usuários frequentam para o consumo, tipos de drogas usadas e compartilhamento de experiências com outros usuários.

Um tópico importante a ser discutido na direção do desenvolvimento de ações práticas que diminuam os riscos referentes a um uso problemático e aumento da autonomia e responsabilidade dos usuários por seu uso, é analisar o paradigma pelo qual o pesquisador deixa-se influenciar quando se propõe a investigar sobre a temática das drogas.

Segundo Passos e Souza (2011), existem duas lógicas que direcionam o olhar sob o uso de substâncias psicoativas - sejam elas lícitas e ilícitas: a da *abstinência*, que engloba preceitos da religião, da moral e da psiquiatria e a lógica da *produção de saúde*, e de Redução de Danos (RD), a qual busca envolver o usuário no processo decisório não somente no plano individual, mas também no plano coletivo, ao determinar quais mudanças são necessárias no desenvolvimento das Políticas Públicas voltadas a essa população.

Os universitários entrevistados possuem medidas de autocontrole e autocuidado, para que a droga seja uma prática recreativa ou terapêutica, sem que seu uso prejudique as suas relações consigo e com os outros. Na visão da abstinência, o uso, mesmo que esporádico, seria um indício de problema. De ordem moral e religiosa, algo que fala sobre problemas de caráter do sujeito; na ordem psiquiátrica, indícios de que há problema na saúde mental do sujeito, que o predispõe a comportamentos de risco ou desviantes da norma.

Essas concepções apenas servem para marginalizar o usuário, comprometendo o cuidado que deve ser estendido àqueles que necessitam, ao desapropriar o sujeito do controle sobre seu uso, afastando-o do processo decisório sobre sua saúde.

A RD pode auxiliar no processo de compreensão do uso entre estudantes universitários a partir de uma perspectiva diferenciada, na qual o objetivo não seja

traçar um 'perfil' de possíveis usuários, apenas para traçar ações preventivas, mas sim, investigar como esses jovens adultos tem administrado o consumo com as demais funções sociais que os definem singularmente. E, a partir daí, traçar Políticas e Estratégias dentro das universidades que efetivamente acolham as necessidades em saúde dos estudantes.

CONCLUSÃO

Ao estudar a complexidade do uso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, deve-se analisar os impactos causados ao sujeito que a utiliza, pois o usuário deve ter autonomia para estabelecer uma relação segura com o seu uso. O uso de substâncias psicoativas possui uma carga simbólica carregada de elementos negativos, e por isso, é frequente a associação de todo usuário como problemático, mesmo sem deixá-los expor a sua experiência com a situação.

Através desse estudo preliminar, buscou-se oportunizar a alguns sujeitos o compartilhamento de suas vivências em relação ao uso de drogas. Assim, constói-se um espaço de discussão que permite quebrar as pré-concepções existentes sobre o uso de drogas, contribuindo para o estabelecimento de um paradigma que busque colocar as necessidades do sujeito e sua singularidade como pontos de partida para o cuidado em saúde.

A tentativa de construção de uma teoria que explique o uso não problemático, assim como os princípios estabelecidos pela lógica da Redução de Danos, são importantes dispositivos que servem para ampliar o saber acerca da subjetividade humana. Enfocar a droga e seus efeitos nocivos (saúde, legal, moral, social) apenas estigmatiza o usuário, estabelecendo *a priori*, que todo o uso é caracterizado como algo negativo, trazendo malefícios ao sujeito.

É necessário continuar o desenvolvimento de pesquisas que exponham os diversos tipos de consumo de drogas, lícitas e ilícitas, a fim de aprofundar o conhecimento sobre o assunto, permitindo assim que se desconstrua os estigmas sobre os usuários dessas substâncias e auxiliando a Gestão em Saúde a construir Políticas Públicas na área da Assistência Estudantil do Ensino Superior, que beneficiem a saúde e autonomia dos sujeitos neles envolvidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. / *Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras*. Arthur Guerra de Andrade (Org.) Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte(Org.), Lúcio Garcia de Oliveira(Org.). – Brasília: SENAD, 2010. 284 p.

CRUZ, Olga Furiel de Souza. *Histórias e trajetórias de usuários não problemáticos de drogas ilícitas*. 2011, 339 p. Tese de Doutorado. Universidade do Minho, Portugal.

CRUZ, Olga Furiel de Souza; MACHADO, Carla; FERNANDES, Jorge Luís. *Consumo "Não Problemático" de Drogas Ilícitas: Experiências e Estratégias de Gestão dos Consumos numa Amostra Portuguesa*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho, fev. 2010. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/21505> Acesso em: 07 jul. 2015.

DEWES, João Oswaldo. *Amostragem em Bola de Neve e Respondent -Driven Sampling: uma descrição dos métodos*. Monografia (Bacharel em Estatística) - Instituto de Matemática, Departamento de Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence=1> Acesso em: 15 de set de 2015.

HART, Carl. *Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas*. 1 Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

LARANJEIRA, Ronaldo et al. *II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012*. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP. 2014. Acesso em: 05 de novembro de 2015. Disponível em: <http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>

MACHADO, Leticia Vier; BOARINI, Maria Lúcia. Política sobre Drogas no Brasil: a Estratégia de Redução de Danos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 33, n 3, 2013, p. 580-595. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n3/v33n3a06.pdf> . Acesso em: 20 de out. 2015.

MACHADO, Cleomara de Souza; MOURA, Talles Mendes de; ALMEIDA, Rogério José de. Estudantes de medicina e as drogas: evidências de um grave problema. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 39, n 1, 2015, p. 159 – 167. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000100159&lng=en&nrm=iso. access on 07 Dec. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e01322014>. Acesso em: 22 de out. de 2015.

NÓBREGA, Maria do Perpétuo Socorro de Sousa; SIMICH, Laura; STRIKE, Carol; BRANDS, Bruna; GIESBRECHT, Norman; KHENTI, Akwatu. Policonsumo

simultâneo de drogas entre estudantes de graduação da área de ciências da saúde de uma universidade: implicações de gênero, sociais e legais, Santo André, Brasil. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 21, 2012, p. 25-33. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000500003. Acesso em: 10 nov. 2015.

PASSOS, Eduardo Henrique; SOUZA, Tadeu Paula. Redução de Danos e Saúde Pública: Construções Alternativas à Política Global de " Guerra às Drogas". *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 23, n 1, 2011, p.154-162. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822011000100017&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 11 de nov. de 2015.

PORTUGAL, Flavia Batista; JUNIOR, Crispim Cerutti; SIQUEIRA, Marlucci Miguel de. Uso de substâncias psicoativas por futuros educadores *Caderno de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n 4, 2014, p. 432-40432. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-462X2013000400012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 11 de nov. 2015.

SANTOS, Marcos Vinícius Ferreira dos; PEREIRA, Denis Soprani; SIQUEIRA, Marlucci Miguel de. Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 62, n 1, 2013, p 22-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852013000100004. Acesso em: 30 de out. de 2015.

SILVA, Leonardo R. V. Rueda; MALBERGIER, André; STEMPLIUK, Vladimir de Andrade; ANDRADE, Arthur Guerra de. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v 40, n 2, 2006, p. 280-8. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102006000200014&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 30 de out. de 2015.